

cinemateca portuguesa-museu do cinema



COLONIA E VILÕES

Portugal, 1977

Leonel Brito

cinemateca portuguesa-museu do cinema

COLONIA E VILÕES

de/by

Leonel Brito

Portugal, 1977 | cor/colour | 60 min

A nova cópia DCP do filme foi feita a partir da digitalização Ultra HD do negativo original cor 16mm. A correção de cor digital usou uma cópia de época como referência. O som foi digitalizado a partir da mistura final gravada em fita magnética de 16mm. Todos os trabalhos foram realizados no centro de conservação da Cinemateca em 2018.

COLONIA E VILÕES é um documentário sobre o contrato de colónia na ilha da Madeira, forma de exploração de trabalhadores agrícolas com origens medievais, mas que subsistiu mesmo após o 25 de Abril de 1974. Para tal, Leonel Brito investiga a história da colonização da ilha e as forças económicas e sociais que a moldaram, recorrendo a várias fontes documentais, incluindo imagens cinematográficas de arquivo.

The new DCP of this film was made from the Ultra HD scanning of the original colour 16mm negative. Digital grading used a period distribution print as reference. Sound was scanned from the final mix on 16mm magnetic tape. All the work was done in Cinemateca Portuguesa's conservation centre in 2018.

COLONIA E VILÕES is a documentary on the colonial contract in the Madeira island, a form of exploitation with medieval roots of agricultural workers that subsisted even after the April 25, 1974 revolution. In it, Leonel Brito investigates the history of the island's colonisation and the economical and social forces that shaped it by using several documental sources, including cinematographic and archive images.

SINOPSE

Em 1420, enviou-se cerca de uma centena de pessoas, dirigidas por João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrelo, para iniciar o povoamento da Madeira. O arquipélago, já conhecido havia muito, foi dividido em três capitâncias e os capitães donatários repartiram as terras por senhores que, por sua vez, as alugaram aos povoadores, compromisso que deu origem ao secular contrato de colônia com as suas relações semifeudais, e ultrapassaria o 25 de Abril de 1974. O filme de Leonel Brito procura analisar todo este processo ao mesmo tempo que aponta para as mudanças prometidas pela Revolução de Abril, proporcionando um enquadramento abrangente sobre a questão, em que sobressai uma forte consciência social.

SYNOPSIS

In 1420, around one hundred people were sent to Madeira, under the guidance of João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira and Bartolomeu Perestrelo, to begin its settlement. Already known for a long time, the archipelago was divided in three captaincies, each captain distributing lands between masters who in turn rented them to the settlers, a deal which produced a colonial secular contract with semi-feudal relations that would go beyond the April 25, 1974 revolution. Leonel Brito's film looks into this process while pointing out the changes that were promised by the April Revolution, delivering a comprehensive frame on the matter and projecting a strong social consciousness.





SOBRE O REALIZADOR

Leonel Brito nasceu em 23 de maio de 1941, em Moncorvo. Realizador de cinema e televisão e fotógrafo, tirou o curso de Engenheiro Técnico Agrário em Évora, profissão que exerceu em Angola e na Madeira. Aluno do primeiro curso de cinema e fotografia da AR.CO, foi cineclubista (dirigente do ABC Cine-Clube e do Cine-Clube Imagem) e sócio fundador da Cinequanon, juntamente com António de Macedo, Luís Galvão Teles, José Fonseca e Costa e Luís Filipe Costa. Fez parte das equipas desta cooperativa que fizeram dezenas de documentários, filmes de fundo e séries para a RTP (como 'Artes e Ofícios', 'Sonhos e Armas', 'Movimento Cooperativo', 'Artes e Letras', 'Feiras de Portugal', entre muitas outras). Foi diretor de produção das longas-metragens FÁTIMA STORY (1975), AS HORAS DE MARIA (1976), OCUPAÇÃO DE TERRAS NA BEIRA BAIXA (1975), O OUTRO TEATRO (1976), CANDIDINHA (1976) e TEATRO POPULAR (1975), de António de Macedo, de A CONFEDERAÇÃO (1977), LIBERDADE PARA JOSÉ DIOGO (1975), COOPERATIVA AGRÍCOLA TORRE BELA (1975), de Luís Galvão Teles, e de Areia, Lodo e Mar (1978) e O SETUBALENSE (1976), de Amílcar Lyra. Além de COLONIA E VILÕES (Menção Honrosa no Festival de Cinema de Santarém 1978), realizou GENTE DO NORTE (1977, prémio da Federação Internacional de Cineclubes no Festival da Figueira da Foz de 1977 e Menção Honrosa no Festival de Cinema de Santarém 1977), ARTHUR DUARTE (1979), FÉLIX RIBEIRO: DR. CELULÓIDE (1980), A OESTE TUDO DE NOVO (1982) e AÇORES (1986).

ABOUT THE DIRECTOR

Leonel Brito was born May 23, 1941, in Moncorvo, Portugal. A film and television director and photographer, Leonel Brito graduated as a Technical Agricultural Engineer in Évora, a profession he practiced in Angola and Madeira. A first-year student of film and photography at AR.CO, he was a film society member (of ABC Cine-Clube and Cine-Clube Imagem) and founding partner of Cinequanon, along with António de Macedo, Luís Galvão Teles, José Fonseca e Costa and Luís Filipe Costa. He worked in crews for this film co-op in dozens of documentaries, films and TV series for RTP — Radio and Television of Portugal (such as 'Artes e Ofícios', 'Sonhos e Armas', 'Movimento Cooperativo', 'Artes e Letras', 'Feiras de Portugal', among many others). He worked as a production director of feature films FÁTIMA STORY (1975), AS HORAS DE MARIA (1976), OCUPAÇÃO DE TERRAS NA BEIRA BAIXA (1975), O OUTRO TEATRO (1976), CANDIDINHA (1976) and TEATRO POPULAR (1975) by António de Macedo, A CONFEDERAÇÃO (1977), LIBERDADE PARA JOSÉ DIOGO (1975), COOPERATIVA AGRÍCOLA TORRE BELA (1975) by Luís Galvão Teles, and AREIA, LODO E MAR (1978) and O SETUBALENSE (1976) by Amílcar Lyra. Besides COLONIA E VILÕES (Honorable Mention at Santarém Film Festival, 1978), he directed GENTE DO NORTE (1977, International Federation of Film Societies Award at Figueira da Foz Film Festival, 1977; Honorable Mention at Santarém Film Festival, 1977), ARTHUR DUARTE (1979), FÉLIX RIBEIRO: DR. CELULÓIDE (1980), A OESTE TUDO DE NOVO (1982) and AÇORES (1986).



ENTREVISTA COM LEONEL BRITO

(Janeiro de 1977)

Quais os fundamentos de ‘Colônia e Vilões’?

A ideia de fazer um filme sobre a situação do trabalho rural na Madeira é antiga. Em 1967 estive na ilha, e foi daí que fiquei com vontade de filmar sobre uma situação que é, quase na sua totalidade, desconhecida no continente. Existe um contrato de colônia abrangendo trinta por cento da agricultura madeirense, verbal, que faz parte dos usos e costumes.... Surge com a própria história da ilha, que não era habitada. A partir de 1420, ao dar-se a sua colonização, procede-se à divisão em capitânias, com capitães donatários, e as terras são entregues, pelo infante D. Henrique e, depois, pelos capitães donatários, a nobres portugueses ou europeus (flamengos e italianos)... Essa entrega baseia-se na Lei das Sesmarias de D. Fernando, fazendo-se a colonização da Madeira com os ladrões bons (aqueles que não tinham crimes de morte ou de fé), com escravos recolhidos no norte de África (após a conquista de Ceuta) e com os vilões — servos da gleba (o povo português). Com as leis dos vínculos e dos morgadios, a propriedade torna-se inalienável e, ao ser colonizada a Madeira, verifica-se um período imediato de grande esplendor, com a cana-de-açúcar... Trata-se do sítio onde ela é explorada, em ótimas condições, mais perto da Europa. Os senhores da terra enriquecem de imediato — o que traz a corrupção, o luxo, os vícios e as taras da corte: vão vir para a cidade (Funchal) e outros para a capital — entregando a terra a colonos. Daqui surge o contrato de colônia, que nunca existiu em Portugal: libertam-se os escravos, os servos da gleba (vilões) são quem trabalha a terra, desmata terras virgens, faz caminhos, os socalcos... O senhor só tem o título: no fundo, a propriedade agrícola é feita pelo colono, que tem de entregar metade do que produz ao senhor. Paga-lhe um aluguer pela construção de casas; a parte melhor de porcos e galinhas... Este costume mantém-se! (...)

Quais as características da população madeirense?

Todo o povo é muito religioso, e quem tem o poder é a Igreja, embora haja padres progressistas que proclamam que ‘a terra é de Deus, o fruto de quem a trabalha’... Os caseiros têm uma proposta de decreto para a abolição imediata da colônia, mas ainda não se passou de estudos: um no tempo do Vasco Gonçalves, agora outro na Assembleia Regional. A exploração das pessoas é, pois, levada às últimas consequências, e penso que o tentar trazer uma situação medieval ao Cinema pode ajudar a acabar vencedora a luta dos caseiros: eis o que nos levou lá. Descobrimos, além disso, outras coisas que nos parece importante divulgar, como a forte participação da mulher em todos os movimentos (sociais, políticos) de libertação do homem. E não são jovens, mas de cinquenta, sessenta anos, analfabetas... Mulheres espantosas, com oito, nove filhos, marido emigrado, ou alcoólico: a responsabilidade dos miúdos, da casa, da lida diária, pertence-lhes, é delas. Foi o que mais admirei na Madeira.

Qual a incidência de ‘Colônia e Vilões’?

O filme tenta abordar, a partir da análise das forças históricas da ilha, porque existiram e porque persistem as colônias — mesmo agora, após o 25 de Abril. (...) O filme inclui, ainda, uma recolha de folclore — desde músicas bastante antigas a cantares populares que lembram as cantigas de amigo, o que tem a ver com os trovadores e o isolamento em que as pessoas viveram até agora. Aborda, finalmente, a dominação inglesa da ilha, nos séculos XVIII e XIX,

em que a Madeira se tornou um feudo britânico... Ainda hoje, os grandes negócios de hotéis, bordados ou vinhos de exportação são ingleses, até mesmo um diário. A pequena burguesia citadina, para viver e sobreviver, tem de falar inglês! O ciclo da cana-de-açúcar, do vinho e o ciclo do sol (turismo) são as grandes etapas da exploração do povo: a exploração rural e a consequente emigração.

Quais são os teus projetos?

Vou, agora, fazer um filme em Trás-os-Montes, passado em Moncorvo, com a colaboração do jornalista Rogério Rodrigues: 'Zona Quente e Terra Fria' (título provisório) [seria o filme GENTE DO NORTE, 1977]. Aborda os problemas da emigração e caciquismo, de isolamento, que conhecemos da nossa infância. Através do cinema procuro, pois, comunicar, ligar as pessoas, pô-las em diálogo nas diversas regiões do País, para que interligando filmes e problemas, valores culturais que se extinguem, lutas que se travam, processos históricos que decorrem quase ignorados, as coisas sejam conhecidas: da Madeira, além dos bordados, vinho, fim-de-ano e último dia da guerra colonial, quase tudo se ignora: nós fomos descobrir um povo e procuramos torná-lo conhecido...

Depoimento recolhido por José de Matos-Cruz e publicado no jornal *Diário Popular*, 15-1-1977.



INTERVIEW WITH LEONEL BRITO

(January 1977)

What are the reasons for 'Colonia e Vilões'?

The idea of making a film about the situation of rural work in Madeira is not new. I visited the island in 1967 and became interested in filming a situation that is almost entirely unknown to the continent. There is a verbal colonial contract that covers thirty percent of Madeiran agriculture, that is part of local uses and customs... It comes with the island's history, which wasn't inhabited. From 1420, with its colonisation, the land is divided between captaincies, with captain-donees, and parcels are handed by Infante D. Henrique and later by the captain-donees to Portuguese or European noblemen (Flemish and Italians)... This donation is based on D. Fernando's Sesmarias Law and the colonisation was made with "good thieves" (those who didn't commit murder or religious crimes), slaves from Northern Africa (after the conquest of Ceuta) and "villains" — serfs (the Portuguese people). With laws for bonds and manor houses, property becomes inalienable and, after the colonisation of Madeira, there is an immediate period of great splendour thanks to sugar cane... It is the closest place to Europe where one can produce it in great conditions. Landlords become immediately rich — which then brings corruption, luxury, and the court's vices and degeneration: some will go to the city (Funchal) and others to the capital — and give land to the settlers. Hence the colonial contract, something that never existed in Portugal: slaves become free, serfs ("villains") work the land, deforest virgin lands, create new routes and terrace cultivation... The master only holds a title: basically, agricultural property is created by the settler, who must then deliver half of what he produces to his master. He pays a rent to build houses and the best pigs and chicken... This custom still holds today! (...)

What are the characteristics of the Madeiran people?

Everyone is very religious and the power belongs to the Church, although some progressive priests claim "the land belongs to God, the fruits to those who work in it"... The caretakers have a decree proposal for the immediate abolishment of the colony but this has brought nothing more than studies: one in Vasco Gonçalves' era and another one from the Regional Assembly. The people's exploitation is thus taken to its ultimate consequences and I believe that bringing a medieval situation to a film screen may help the caretakers win their fight: this is how we got here. We also found out about other things we think we should also show, such as the strong participation of women in all movements (social, political) for human freedom. We are not talking about young people but fifty, sixty year old illiterate women... Remarkable women with eight, nine children, husbands that migrated or became alcoholics: the children's education, their house and household chores belong to them. This is what I admired the most in Madeira.

What is the extent of 'Colonia e Vilões'?

The film tries to address the reason why colonies existed and still exist from an analysis on the island's historical forces — even now, after the April 25 Revolution. (...) The film also includes a collection of folk music — pretty old songs and popular chants that reminds us of "cantigas de amigo" [Galician-Portuguese medieval songs] because of troubadours and the isolation in people's lives. Finally, it also addresses the English domination in the island in

the 18th and 19th century, when Madeira became a British fiefdom... Today, the biggest hotel businesses, embroidery or exported wines are still English, even a daily newspaper. The small urban bourgeoisie must speak English to live and survive! The sugar cane cycle, wine and the sun cycle (tourism) are the great steps in the people's exploitation: the rural exploitation and subsequent emigration.

What are your projects?

I am now going to make a movie in Trás-os-Montes, in Moncorvo, with the help of journalist Rogério Rodrigues: 'Zona Quente e Terra Fria' (working title) [which would become GENTE DO NORTE, 1977]. It addresses the problems of emigration, chieftainship and the isolation we knew from our childhood. I want to communicate and connect people with cinema, to set a dialogue between different regions in our country so that things become known by connecting films and problems, vanishing cultural values, fights that are being waged, historical processes that are almost ignored. In Madeira, besides embroidery, wine, the end of the year and the last day of the colonial war, almost everything is ignored: we went there to discover a people and make them known...

Interview by José de Matos-Cruz. Published in *Diário Popular* newspaper, 15-1-1977.

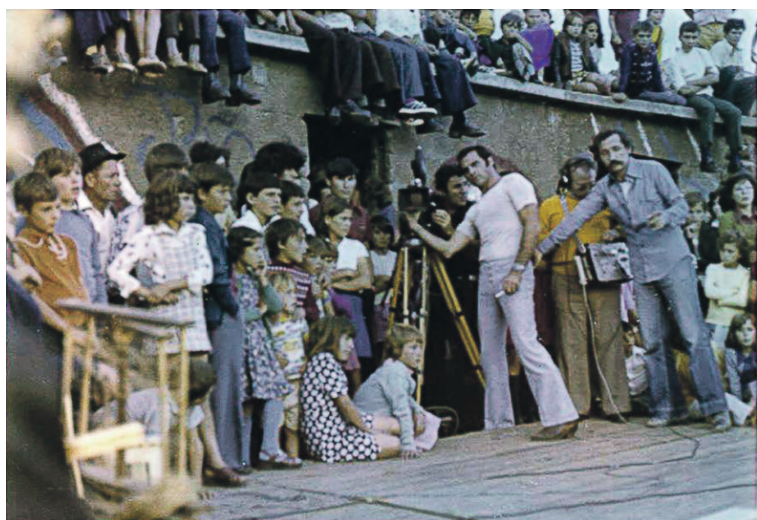


COLONIA E VILÕES

Portugal, 1977 | cor/colour | 60 min

Realização Director	Leonel Brito
Texto Screenplay	Rogério Rodrigues e Jornal 'O Caseiro'
Imagem Photography	Elsó Roque
Assistente de imagem Photography assistant	Pedro Efe
Eletricista Gaffer	Amadeu Lomar
Som Sound	João Diogo, Carlos Alberto
Sonoplastia Sonoplasty	Raul Ferrão
Voz Voice	Márcia Breia, Luís Alves
Montagem Editing	Manuela Moura
Director de Produção Production Director	Cremilde Mourão, César Monteiro, Ana Paula Veríssimo
Produção Production	Cinequanon
Financiamento Funding	Instituto Português de Cinema
Laboratório de imagem Image Lab	Tobis Portuguesa
Estúdio de som Sound Lab	Valentim de Carvalho Nacional Filmes
Estreia Premiere	Sociedade Portuguesa de Autores (Lisboa) 16 de Maio de 1980





COLONIA E VILÕES

um filme da **cinequanon**.

participação financeira do
Instituto Português de Cinema

realização: LEONEL BRITO

textos: ROGÉRIO RODRIGUES
e «JORNAL DO CASEIRO»

montagem: MANUELA MOURA

director fotografia: ELSO ROQUE

som: JOÃO DIOGO
e CARLOS ALBERTO LOPES



Os Senhores deviam ir aos enterros para ver o tamanho de terra a que eles têm direito

Padre Martins

cinemateca portuguesa-museu do cinema

A Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema tem por missão a salvaguarda e a divulgação do património cinematográfico em Portugal. Foi fundada em 1948 por um dos pioneiros das cinematecas europeias, Manuel Félix Ribeiro, e tornou-se uma instituição autónoma em 1980. Desde 1956, a Cinemateca é membro da Federação Internacional dos Arquivos de Filmes (FIAF), criada em 1938 com o objetivo de promover a conservação e o conhecimento do património cinematográfico, conjugando os esforços dos mais importantes arquivos do mundo e que conta atualmente com mais de 150 afiliados de 77 países.

Em 1996, a Cinemateca abriu um moderno centro de conservação nos arredores de Lisboa, o departamento ANIM (Arquivo Nacional das Imagens em Movimento), que é atualmente a base de todas as atividades de preservação, pesquisa técnica e acesso sobre as coleções fílmicas, videográficas e digitais. Desde 1998, o ANIM possui um laboratório de restauro fotoquímico, que se tornou entretanto o último em atividade na Península Ibérica. Criado prioritariamente para viabilizar trabalhos internos de preservação e restauro do cinema português, o laboratório também tem vindo a prestar serviços externos nas mesmas áreas, em particular para instituições estrangeiras congêneres da Cinemateca.

Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema's mission is to preserve and promote Portugal's cinematographic heritage. Founded in 1948 by Manuel Felix Ribeiro, a pioneer of European cinematheques, it's an autonomous institution since 1980. The Cinemateca is a member of the International Federation of Film Archives (FIAF) since 1956, an organisation created in 1938, with currently more than 150 affiliates in 77 countries, with the goal to promote conservation and knowledge on cinematographic heritage.

In 1996, the Cinemateca opened a modern conservation centre in the outskirts of Lisbon - the ANIM, National Archive of Moving Images -, currently working as the basis for all preservation activities, technical research and access to its film collections, either in photochemical, videographic, or digital support. Its photochemical restoration lab, active since 1998, was primarily created to enable internal preservation and restoration works in Portuguese cinema, but has since then also provided external services in the same areas to foreign film archives and cinematheques.

Disponível em DCP (pedidos: acesso@cinemateca.pt) e editado em DVD pela Cinemateca e a Academia Portuguesa de Cinema (à venda nas lojas FNAC e na Livraria Linha de Sombra/Cinemateca: linhadesombra@gmail.com).

Available in DCP (loans: acesso@cinemateca.pt) and published in DVD by Cinemateca and Academia Portuguesa de Cinema (on sale in FNAC stores and Livraria Linha de Sombra/Cinemateca: linhadesombra@gmail.com).

